

Os novos tempos de uma velha profissão: perfis e competências dos bibliotecários na revolução digital

Eloy Rodrigues

Serviços de Documentação da Universidade do Minho

Resumo

Uma das críticas que são geralmente apontadas ao campo da biblioteconomia e ciências da informação (LIS – Library and Information Science ou Studies, na tradição anglo-saxónica) é que ele tem evoluído mais por influência das mudanças tecnológicas externas, nomeadamente da informática e das telecomunicações, do que em resultado do seu próprio esforço em Investigação e Desenvolvimento.

Se é indiscutível que, em particular nesta última década, a evolução tecnológica teve um profundo impacto nas bibliotecas e serviços de informação, e alterou de forma mais ou menos acentuada as formas e os métodos de trabalho dos seus profissionais, parece também inegável que esse facto ainda não se repercutiu, ao menos na dimensão necessária, na formação dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas portugueses.

Nesta comunicação, pretendemos discutir, à luz da situação presente e das perspectivas de uma revolução tecnológica que ainda agora está a começar, os perfis e as competências dos bibliotecários e outros profissionais de informação, dando particular ênfase às chamadas “competências tecnológicas”.

Introdução

Num inquérito por questionário recentemente realizado, no quadro da preparação da I Conferência Nacional sobre Formação e Carreiras BAD, mais de 83% dos respondentes (74 em 89) declararam que se registou uma mudança significativa nas características do seu trabalho nos últimos 5 anos. Solicitados a identificar as principais mudanças, cerca de metade (35) referem como principais alterações as relacionadas com as tecnologias de informação¹. Resultados semelhantes foram obtidos nos Estados Unidos: num inquérito efectuado pelo “Library Journal” 60% dos respondentes indicaram que o principal factor responsável por alterações no seu trabalho foi a evolução e a mudança tecnológica²

No nosso inquérito nacional, solicitados a avaliar (numa escala em que 1=dispensável e 5=essencial) a relevância de um conjunto de matérias, saberes e competências na formação inicial, os profissionais de informação portugueses atribuíram um peso significativo às matérias relacionadas com as tecnologias da informação no conjunto das

¹ RELATÓRIO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA CONFERÊNCIA NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO E CARREIRAS BAD, BRAGA, 4 E 5 DE DEZEMBRO DE 1997

² ST. LIFER, Evan - "Net Work: New Roles, Same Mission." in *Library Journal* 121(19), November 1996) p. 66.

consideradas mais relevantes (nomeadamente, daquelas cuja média foi superior a 4)³. Também noutros contextos, se afirma que as competências tecnológicas são as mais críticas para todos os bibliotecários, mesmo para aqueles que obtiveram a sua formação inicial no início dos anos 90⁴

Todos sentimos que a mudança está a ocorrer rapidamente na área das bibliotecas e dos serviços de informação, e que essa mudança é conduzida pela evolução tecnológica. Mas o que irá realmente acontecer e qual o papel dos “velhos saberes” e das “novas competências”, nomeadamente as de cariz tecnológico, no novo ambiente digital emergente? Eis uma pergunta que esta comunicação não vai certamente responder, mas apenas tentar debater e problematizar.

As “velhas” competências e os novos tempos

A criação das nossas bibliotecas, tal como hoje as conhecemos, correspondeu à existência de grandes quantidades de documentos impressos, portanto com alguma permanência, estabilidade e fixidez, e de uma massa de leitores que os procuram⁵. As mudanças que estão a ocorrer ao nível das TIC e os seus reflexos nos hábitos e padrões de leitura e acesso à informação, permitem legitimamente levantar a questão do futuro das bibliotecas e dos seus profissionais. O que significará para nós a “emergência de um mundo onde uma parte importante da informação será registada ou estará disponível de uma forma bastante mais fluída, dinâmica e transitória e onde as pessoas procurarão sobretudo os “átomos” de informação que necessitem a cada momento?”⁶

Os mais radicais postulam o desaparecimento da “intermediação humana”, dos seus agentes e instituições, e falam da Internet como a biblioteca planetária ao serviço de todos. Mas, mesmo entre os mais vanguardistas das tecnologias se encontram muitas vozes mais prudentes e mais realistas.

Uma das competências básicas de um profissional de informação no limiar do século XXI é saber o que é, e o que não é, a Internet. É uma coisa certamente a Internet não é: uma biblioteca. Como recorda Miksa, comparando a Internet com o universo

³ RELATÓRIO DA COMISSÃO ORGANIZADORA....

⁴ WOODSWORTH, Anne - “New library competencies”, in *Library Journal*, 122(9), May 1997, p.46 - In order to design programs and guide curricular changes, I have led many focus groups in the past five years. The latest one-to assess the need for post-master's-level advanced certificate programs-affirmed that technological competencies are the most critical ones for all librarians, even if they obtained their professional credentials as recently as the early 1990s. The group was also unanimous in asserting that technologies underlie all specializations within the profession.

⁵ Sobre o conceito de “biblioteca moderna” e o seu aparecimento ver o texto de Francis Miksa.

MIKSA, Francis - *The cultural legacy of the “modern library” for the future*, 1996. URL:

<http://fiat.gslis.utexas.edu/faculty/Miksa/modlib.html> - Acedido em 97.11.08

⁶ RODRIGUES, Eloy – *Bibliotecas: os átomos e os bits*. Comunicação apresentada no *Colóquio As bibliotecas em transformação*, integrado no *Ciclo Cultura em Diálogo* promovido pelo Ministério da Cultura, realizado no Centro Cultural de Belém em 25 de Novembro de 1997.

URL: <http://www-bib.eng.uminho.pt/pessoal/eloy/bibatbit.htm> – Acedido em 98.03.15

bibliográfico, não é possível que o conjunto da Internet ou do universo bibliográfico impresso se constitua como uma única biblioteca, porque “a library, as a rationally selected and organized space, has its accessibility constructed on the basis of targeted user populations and no such targeted user population has need of or can use with any facility *all* possible entities nor even all potentially relevant entities”⁷. A biblioteca universal, procurando servir as necessidades de todos, não serviria, pelo menos de forma eficaz e eficiente, as reais necessidades de informação de ninguém.

Assim, continuará a ser necessário construir serviços e produtos de informação, chamados bibliotecas ou não, que permitam responder com eficácia às necessidades concretas de grupos mais ou menos restritos de potenciais utilizadores. Para criar e desenvolver esses serviços, é preciso que existam pessoas com competências específicas na selecção, avaliação, organização e desenvolvimento de mecanismos de acesso e difusão da informação. Não são estas competências “tradicionais” dos bibliotecários?

As chamadas competências tradicionais dos bibliotecários continuam a ser úteis no ambiente digital. Aliás, na minha opinião, o nosso seguro de vida como profissionais é a combinação dessas competências com os novos saberes e “capacidades”, nomeadamente as de carácter tecnológico.

É que é fundamental ser também claro neste ponto: as “velhas” competências serão cada vez mais insuficientes para um exercício profissional que será caracterizado pela diversificação e a mudança. É a combinação dos “velhos” e dos “novos” saberes e competências que permite olhar o futuro com optimismo, que nos pode diferenciar de outros profissionais no mercado da informação, que pode criar novas oportunidades de emprego, se soubermos alargar os horizontes da nossa profissão para além das quatro paredes das instituições em que trabalhamos.

Como ser um bibliotecário digital?

Num artigo recente, sobre a situação nos EUA⁸, constata-se que a Internet teve um impacto significativo sobre a profissão, não se prevendo uma desaceleração do número de empregos criados pela tecnologia. A análise conclui que os postos de trabalho foram ou redefinidos ou criados novos, e que ao mesmo tempo que a profissão muda, mudam também as escolas de biblioteconomia. Pelo menos neste último ponto, a situação portuguesa difere substancialmente da americana.....

Quais são então as novas competências e saberes indispensáveis para a sobrevivência e o sucesso profissional? Como ser um bibliotecário na era digital?

⁷ MIKSA, Francis – Op. cit.

⁸ DOLAN, Donna R; SCHUMACHER, John - “New jobs emerging in and around libraries and librarianship”, in *Online*, 21 (6), Nov/Dec 1997, p. 68-76

Uma primeira resposta é possuir o entendimento dos conceitos básicos da informática e das ciências da informação, e possuir a capacidade de aprender, avaliar e utilizar as cada vez mais diversificadas ferramentas e aplicações informáticas que podem ser úteis ao exercício das suas funções.

Sejamos claros e realistas: a “ileteracia informática” é uma condição de exclusão profissional (e cada vez mais de exclusão social no sentido mais lato). Este facto deve ser assumido desde a formação inicial dos profissionais. Com isto quero dizer, que não se poderá manter por muito mais tempo a situação actual de alguns cursos de formação, cujos módulos de informática são utilizados para ensinar a trabalhar em ambientes gráficos, utilizar processadores de texto ou folhas de cálculo e trabalhar com uma determinada base de dados bibliográfica. Esse tipo de saberes e competências terão de passar a ser exigidas à partida, aos candidatos à formação.

O conjunto de saberes e competências tecnológicas exigidas aos profissionais de informação dependerão do tipo de função que estes irão desempenhar. Se atendermos ao que se passa em países como os EUA e a Grã-Bretanha, parece claro que os perfis e funções do grupo profissional a que designamos como bibliotecários e documentalistas estão a sofrer uma grande diversificação. De acordo com recentes anúncios de emprego nos EUA⁹, para além de saberes e competências e saberes “tradicionais” (que vão desde a classificação à gestão de sistemas automatizados de bibliotecas) são exigidos um conjunto muito variável de competências específicas.

Correndo o risco de apresentar uma lista pouco amadurecida e insuficientemente exaustiva, aqui ficam um conjunto de saberes e competências tecnológicas, que serão exigidas aos bibliotecários da era digital:

- Conhecimento aprofundado da Internet, dos seus serviços e potencialidades;
- Excelência na utilização das diversas ferramentas de pesquisa de informação na Internet;
- Capacidade para avaliar e organizar recursos electrónicos;
- Capacidade para criar e gerir conteúdos na World Wide Web (HTML, etc);
- Conhecimentos e capacidade para criar e assegurar o funcionamento de serviços de ajuda e referência “online” e materiais de formação para utilização remota;
- Conhecimento e capacidade de trabalho com as diversas “normas” emergentes - SGML, HTML, Z39.50, etc.
- Conhecimento dos métodos, técnicas e normas de digitalização e/ou criação de documentos multimédia e da sua disponibilização para o público (interfaces, design, etc.);
- Conhecimentos básicos sobre o funcionamento e gestão de redes e sistemas operativos;
- Capacidade para usar e avaliar software e hardware diversos.

É claro que para ter um emprego como bibliotecário ou profissional de informação no início do século XXI não será necessário possuir todas estas competências. Mas certamente será obrigatório possuir uma combinação de algumas delas. Especialmente as

⁹ Ver artigos de DOLAN, Donna R; SCHUMACHER, John e WOODSWORTH, Anne, atrás citados

três primeiras deverão fazer parte dos saberes e competências de qualquer profissional de informação.

A esta lista poderíamos juntar outras áreas que, não sendo estritamente tecnológicas, se encontram intimamente relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação, e às quais não podemos ser alheios. Referimo-nos sobretudo às questões relacionadas com o direito: privacidade e segurança, censura, liberdade de expressão e protecção de menores, direitos de autor e direito à informação, etc.

Outro problema, no que diz respeito às chamadas competências tecnológicas é a sua cada vez maior rapidez de obsolescência. Assim, a formação tecnológica, como aliás o conjunto da formação em biblioteconomia e ciências da informação, não pode reduzir-se à formação inicial. A formação inicial deve fornecer os fundamentos e os conceitos básicos e transmitir uma competência fundamental para os dias de hoje: aprender a aprender e a mudar.

Num mundo marcado por uma vertiginosa evolução tecnológica, a aprendizagem constante e a formação contínua, são instrumentos indispensáveis para um exercício profissional com qualidade. Não me parece que esta verdade tenha sido completamente interiorizada e posta em prática, quer pelos profissionais, quer pelas instituições onde estes trabalham.

Conclusões

A nossa profissão e as instituições onde trabalhamos, encontram-se em profunda transformação. Todos sentimos isso, alguns com inquietação e outros com optimismo. No entanto parece legítimo considerar que os profissionais que hoje designamos como bibliotecários, com este ou outro nome, continuarão a ser necessários, porque as bibliotecas, com este ou outro nome, continuam a ser úteis.

A biblioteca electrónica planetária é um mito improvável se não resultar da interconexão de muitas bibliotecas e sistemas de informação desenhados para grupos concretos de utilizadores. As potencialidades tecnológicas que permitem sonhar com a biblioteca planetária e global, são as mesmas que possibilitarão a construção de colecções, interfaces e mecanismos de acesso individuais ou personalizáveis, permitindo parafrasear, como faz Francis Miksa, a segunda e terceira leis da biblioteconomia segundo Ranganathan: de cada livro seu leitor e cada leitor seu livro, para cada biblioteca seu leitor, cada leitor sua biblioteca¹⁰. Nos novos tempos da nossa “velha” profissão é necessário combinar os “novos” e os “velhos” saberes para poder actuar localmente, no ambiente global.

¹⁰ MIKSA, Francis – Op. cit.

No caso português, para que a situação evolua no sentido que todos desejamos são necessárias duas condições. A primeira, é que se alterem rapidamente as formas, os métodos e os conteúdos da formação inicial na nossa área. É necessário reformular currículos, repensar modelos, alterar métodos, redefinir objectivos. Os objectivos da formação devem ser alargados: não se trata de formar pessoas para trabalhar em bibliotecas, mas sim formar pessoas para tarefas que requeiram as competências de um bibliotecário.

A segunda condição, é que se faça um forte investimento na actualização profissional, na formação contínua, na aprendizagem permanente. Esse esforço deve envolver todos os agentes da nossa área: os profissionais, as instituições empregadoras (que devem criar condições, nomeadamente financeiras, para a formação dos seus funcionários) e os potenciais fornecedores de formação, entre os quais se incluem as associações profissionais.

Iniciativas de debate e reflexão em torno da formação, como estas vossas Jornadas, são também um contributo inestimável para a alteração de uma situação que a todos nos preocupa.